

MAPEAMENTO DOS POVOS INDÍGENAS DO INTERIOR PAULISTA: EXPERIÊNCIAS PARA A CONSTRUÇÃO DE UM MÉTODO IMAGÉTICO- AFETIVO A PARTIR DE MEMÓRIA VIVA.

Aline Hipananiro Apolinário José¹
Felipe Adriano Alves de Oliveira²
João Paulo Ribeiro³
José Lotúmolo Junior⁴
Luciana Maria dos Santos⁵
Luzia Sigoli Fernandes Costa⁶
Marta Marubo Comapa⁷
Sandra Schmitt Soster⁸
Zulmiro Vitor⁹

Resumo

Esta é uma atividade extensionista, interdisciplinar e indissociada da pesquisa que tem por objetivo identificar a localização de povos indígenas que viveram ou vivem no Brasil e em regiões adjacentes. Teremos como apoio o movimento dos rios. Como início, a atividade relatada se concentra no Rio Corumbataí, numa pequena região do interior do estado de São Paulo, visando desenvolver e testar estratégias metodológicas para realizar levantamentos de informações e produzir material didático. Partimos de relatos de pessoas memórias-vivas com informações sobre um modo indígena na região. Relacionamos com a ideia de mapeamento imagético-afetivo. Isso é uma base para uma teoria-prática.

Palavras-chave: Povos Indígenas; Mapeamento; Rio Corumbataí; Memória Viva.

Abstract

This is an extension, interdisciplinary research activity that aims to identify the location of indigenous peoples who lived or live in Brazil and adjacent regions. We will support the movement of rivers. As a start, the reported activity focuses on the Corumbataí River, in a small region in the interior of the state of São Paulo, aiming to develop and test methodological strategies to collect information and produce teaching material. We start from reports from living memory people with information about an indigenous way in the region. We relate it to the idea of imagetic-affective mapping. This is a basis for a theory-practice.

Keywords: Indigenous Peoples; Mapping; Corumbataí River; Living Memory.

¹ Graduanda em Engenharia Agrônoma pela UFSCar.

² Mestre e doutorando em Ciência Tecnologia e Sociedade UFSCar felipeadriano13@gmail.com

³ Doutor em Linguística, Universidade Federal de São Carlos. jpr.joaopauloribeiro@gmail.com

⁴ Doutorando do Programa CTS, Universidade Federal de São Carlos. jolotuljunior@gmail.com

⁵ Graduanda Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais/UFSCar. lucianams@estudante.ufscar.br

⁶ Docente do Departamento de Ciência da Informação e do PPGCTS/UFSCar. luziasigoli@ufscar.com

⁷ Universidade Estadual de Campinas- Faculdade de Odontologia de Piracicaba marta.marubo@gmail.com

⁸ Doutora pelo Instituto de Arquitetura e Urbanismo/USP.

⁹ Poeta e compositor em diferentes estilos de “moda de viola”. Memória viva.

1. Introdução

Mapeamento dos povos indígenas do interior paulista: experiências para a construção de um método imagético-afetivo. Imagético-afetivo = com base nas memórias de pessoas vivas (chamadas memórias-vivas), porque existem poucas fontes documentais. Imagético-afetivo = pois deseja desvendar um olhar que seja afetivo em sua construção (processo) e produto (materiais didáticos).

Nesse artigo, traremos um panorama da experiência que tivemos com o início de um projeto do Programa de Educação Tutorial (PET) Conexões de Saberes Indígena da UFSCar, em 2022 que compreende a ideia de elaborar mapas mostrando territorialidades.

A atividade “*Mapeamento dos povos indígenas do interior paulista*”, sobre a qual apresenta-se a experiência em grupo, é fruto do processo de produção do conhecimento colaborativo entre estudantes de graduação - indígenas - estudantes de pós-graduação, professores, pesquisadores e pessoas da comunidade externa à UFSCar.

A atividade parte do entendimento de que ainda existe uma imensa lacuna no que diz respeito à informação sobre os povos originários que habitavam o solo brasileiro, seus territórios ancestrais, um panorama de outros períodos. Entende-se que a pesquisa é ampla e que deve utilizar de diferentes recursos, ampliar-se gradativamente, engajar outros pesquisadores.

Nesse sentido, esta atividade de pesquisa testará e desenvolverá métodos com base na integração de diferentes fontes de informação (cartográficas, bibliográficas, fotográficas, orais etc.), com o intuito de identificar a localização de povos indígenas que viveram ou vivem no Brasil e em regiões adjacentes.

Como ponto de saída, das entidades geográficas, escolhemos como guia o traçado, o caminho dos rios. O motivo de escolhermos o rio, vem dos delineamentos de sua importância como fonte de água, fonte de vida. Ailton Krenak (2020, p.40), ao se referir ao rio Doce, coloca que não se trata de um recurso econômico, fonte de lucro, mas de um parentesco, personalidade: “*O rio é nosso avô*”. Nesse sentido, um modo de viver que traga junto ao modo de ver que também esteja no produto mapa, e desde seu processo. Uma metodologia de afetividades para o encontro com o território. Essa questão é ponto importante em nossa pesquisa. Por exemplo: *ka’agyovy*, em língua Mbyá-guarani, significa “floresta-brilha” – a mata atlântica. Assim,

encontraremos outros elementos-pessoalidades como flores, árvores, morros, serras, veredas. O rio foi um ponto de partida.

Os rios e cursos d'água tinham papel importante, tanto para os povos indígenas, quanto para os colonizadores que avançavam pelos chamados sertões em busca de terras férteis e riquezas minerais. Para os primeiros, os rios serviam de vias de locomoção, de fonte de alimento, de água e como referências nos constantes deslocamentos. Para os segundos, também se mostravam interessantes vias de locomoção e integração com as vias já existentes e com as futuras expansões das estradas de ferro (FIGUEIRÔA, 2008, p. 765).

Mais especificamente, a atividade piloto relatada neste artigo tem como ponto inicial a exploração do Rio Corumbataí, numa pequena região do interior do Estado de São Paulo. Isso aconteceu, se delineando, na participação do ancião Zulmiro Vitor¹⁰ entre os pesquisadores, acerca de onde viveu, de suas memórias sobre o modo de viver do caipira, e exatamente sobre seus antepassados indígenas da região do Rio Corumbataí, afluente do Rio Piracicaba que deságua no Rio Tietê, bacia do rio Paraná.

Tendo essa experiência, traremos informações sobre estratégias metodológicas que usamos durante o encontro que ocorreu em espaço privilegiado na biblioteca da Universidade Federal de São Carlos (Bco/UFSCar). O projeto está no contexto das preocupações e pensamentos que se desenvolvem institucionalmente em programa de educação tutorial em uma universidade do sudeste do Brasil. O projeto considera a extensão das universidades brasileiras, no sentido de não estar dissociada da população, e comprometida a ajudar em busca por soluções.

2. Conexões de saberes Indígenas da UFSCAR

O Grupo do Programa de Educação Tutorial (PET) “Conexões de Saberes Indígenas” da UFSCar foi criado em 2010, tendo como objetivo principal a formação de um grupo de aprendizagem coletiva e interdisciplinar, focado em estudantes indígenas de diferentes etnias, matriculados nos cursos de graduação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Para além de contribuir para a permanência e o sucesso acadêmico de estudantes indígenas dos *campi* da UFSCar, situados nos municípios de São Carlos, Araras e Sorocaba, este PET entende a urgência de proteger, valorizar e disseminar o conhecimento indígena.

¹⁰ O senhor Zulmiro também é compositor de estilos variados em torno de modo de viola e vem participando de eventos em torno das universidades (ver. *Revista LEETRA Indígena*, v.18, n.1, 2021).

Dessa forma, as atividades de extensão realizadas são voltadas para a criação de espaços de compartilhamento de experiências e conhecimentos, gerados no âmbito do ensino e da pesquisa, bem como aquelas de vivências em arte, cultura e memória, além de criar oportunidade de interlocução com públicos diversificados.

Além disso, este PET leva em conta que os estudantes indígenas que estão na universidade experienciam um “entre mundos”. De um lado, as comunidades a que pertencem, com suas cosmovisões e valorização de saberes e conhecimentos ancestrais, repassados de geração em geração, localizadas em meio à Natureza e ao profundo respeito a ela. De outro lado, o mundo acadêmico, antropocêntrico e ocidentalizado, com saberes e conhecimentos que precisam ser testados, publicados e analisados pela comunidade científica para serem validados. Um mundo de concreto e asfalto, que se esqueceu que a Natureza é fonte da própria vida e que parece tentar eliminá-la.

Historicamente, pode-se observar que, desde o Descobrimento e o estabelecimento dos primeiros colonizadores portugueses, a natureza é objeto de exploração para fins econômicos, a exemplo do comércio internacional do pau-brasil, usado como madeira ou para a extração de seus pigmentos como corante [...] (CÂMARA, 2013).

Neste contexto, a experiência acadêmica do PET “*Conexões de Saberes Indígenas*” da UFSCar pautou-se no desafio de fazer uma aproximação “entre mundos”, por meio do acolhimento dos diferentes olhares, refletidos nas análises dos dados levantados e, por consequência, no material didático produzido.

3. O apagamento das memórias indígenas e o imagético-afetivo em mapeamentos

Quanto ao interior de São Paulo, uma das problemáticas é a invisibilidade das populações indígenas no território produzido na dinâmica do Estado em domesticar os territórios e as populações dentro de uma perspectiva de progresso de seu tempo, criando uma espécie de ausência de relatos ou informações que estejam em publicações e no cotidiano.

Importante salientar que o oeste do estado de São Paulo, por exemplo, só passou a ser conhecido a partir do final do século XIX e início do XX com a pressão pela expansão das áreas agricultáveis, especialmente destinadas à produção cafeeira e de gado. Porém, apesar de desconhecido, muitas áreas já haviam sido concedidas a pessoas econômica e politicamente influentes, em regime de sesmarias ou apropriadas por posseiros com menor expressão econômica.

Desde os primeiros anos da vigência do sistema colonial brasileiro, sob o regime de Portugal como Metrópole, esta impôs às terras brasileiras seu sistema jurídico conhecido como Lei das Sesmarias, onde se destaca a relevância e obrigatoriedade do cultivo da área concedida e que, se tal não ocorresse, a dita sesmaria poderia ser concedida a outra pessoa. Ainda que as razões para a aplicação da Lei de Sesmarias na concessão de terras no Brasil fossem distintas das de Portugal, pois na Metrópole as terras já tinham dono e no Brasil não, por falta de um instrumento jurídico próprio, por aqui foi aplicada a Lei de Sesmarias (GONÇALVES, 2014). De qualquer forma, a fiscalização da posse útil e o cultivo e sua consequente produção eram muito precárias, assim como também o eram a demarcação dos limites entre as sesmarias. Esta situação também convivia com a existência de propriedades menores, geralmente conseguidas por apossamento, já que a compra de menores extensões de terra junto aos sesmeiros era possível, mas ainda assim, difícil em um ambiente de especulação, no qual prevalecia “*a lei do mais forte*” (TRUZZI; FOLLIS, 2012, p. 15).

É nesse final do século XIX e primeiras décadas do século XX que se daria um esforço por sociedades de geógrafos ligados ao mapeamento dentro de uma perspectiva do governo e da opinião pública em conhecer detalhadamente as zonas interioranas. Exemplo é a publicação de “*Exploração do Rio do Peixe*” (COMISSÃO GEOGRAPHICA E GEOLOGICA DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1913) que traz mapeamento de acampamentos, aldeias indígenas na atual região de Dracena e Presidente Prudente. No contexto, a ocupação dos territórios interioranos ia em direção a firmar as fronteiras em que um pensamento desenvolvimentista incluía ferrovias, telégrafos, pequenas vilas. As sesmarias foram as unidades que se formaram para a conquista da terra em detrimento das populações indígenas. Havia ataques violentos que se avolumavam por conta das agências ligadas aos empreendimentos.

As populações indígenas do interior paulista e sul do Brasil sofriam por uma quase legalização de seu extermínio, se não fosse a tentativa de criação do Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Rurais, em 1910. Surgem criações de Reservas Indígenas (STAUFFER, 1960). Curt Nimuendajú (1914 [1987]) é uma referência para a leitura desse processo na região próxima a Bauru e Itapetininga.

Quanto à documentação, fonte de pesquisa para a construção de mapas, na maioria dos casos existem apenas registros e relatos superficiais sobre a existência de povos vivendo ou mesmo transitando pelas regiões que iam sendo “desbravadas” e mapeadas.

De certa forma, o material formado por documentos demanda um trabalho sistemático em arquivos a partir de métodos de coleta e tratamento minucioso para se construir uma historiografia e mapas geográficos.

Por outro lado, as fontes orais da memória das pessoas é outro fator em que a dificuldade estaria em que são anciões. É um trabalho que não pode esperar por tempo.

Não é perceptível, entre as populações urbanas do interior, em seus discursos, uma identidade que se volte fortemente para uma relação com a identidade indígena. Contudo, quanto a alguns modos de se viver, como gosto pela caça na mata e pescarias, é nítida a presença de um modo de viver que vem diminuindo desde a proliferação de usinas e plantações de canas para a produção de álcool a partir da década de 1970. As plantações canavieiras lucrativas foram o motivo de expulsão e surgimento de um proletariado rural, os boias-frias.

Esse panorama demonstra a importância de pesquisas que venham a preencher essas lacunas de informação na memória dos mais velhos. A pesquisa passaria por um processo que envolve, de certa forma, a valorização cultural de povos que habitavam as regiões do estado e que, possivelmente, deixaram importantes marcas culturais que até hoje podem se fazer sentir, mas cujas origens são desconhecidas. É o objetivo de nosso mapeamento quando pensamos o imagético-afetivo.

Paralelamente a esta busca pelas identidades dos povos indígenas de algumas regiões do estado de São Paulo, pode-se compreender melhor como se deu o processo de formação de novas culturas no interior paulista, a partir do encontro entre a cultura europeia e as dos povos pré-existentes nas regiões que iam sendo incorporadas ao processo colonizador.

Este processo foi muito mais complexo do que se pode supor de início, suplantando a ideia recorrente de relações radicais caracterizadas apenas por conflitos entre os povos indígenas e os europeus. Em realidade, também ocorreram aproximações, recuos, negociações, acordos, resultando em novas conformações sociais entre ambas as partes envolvidas e, mesmo, as maneiras como os povos indígenas se organizaram durante os conflitos não foram profundamente estudadas (PINHEIRO, 1992, p. 9-11).

A história da colonização do interior paulista, em geral, é contada a partir da chegada dos europeus que migraram para as regiões como se antes dos eventos que marcaram este processo essas regiões fossem desabitadas. De um modo geral, pouco se sabe das pessoas, da localização das aldeias indígenas, dos sítios, das comunidades, dos caminhos, da floresta, do

cerrado, dos rios. As cidades da região cresceram e existe algo como uma geografia dentro da outra, a desvendar.

Isso colabora para a concepção imagético-afetiva que pensamos para os mapas e que compreendem um entendimento para a metodologia de sua construção, em que saberes indígenas são referenciais metodológicos para compreender os vestígios que existem na atualidade neste território do interior paulista, e esses mesmos saberes apresentam um outro modo de olhar e de representar em mapas.

Investigar como a criação de teoria no ponto de vista que veja nos vestígios a identificação de uma vereda importante, um sistema de significados para analítica. A teoria investigativa se presta ao imagético-afetivo como método e que demonstra um caminho, que, desde os mapas, representa um surgimento de entidades geográficas, plantas, personalidades.

Os pressupostos iniciais que motivaram essa pesquisa foram de que as águas de rios, riachos, igarapés e lagos têm importância para os povos indígenas, inclusive porque delas dependem a pesca, animais para caça e, portanto, a própria vivência. Muitos rios receberam nomes indígenas, por exemplo, no estado de São Paulo, que é o foco dessa pesquisa, temos os rios Tietê, Corumbataí, Mogi Guaçu, Jacaré-Guaçu, Jacaré-Pepira, Rio Piracicaba e outros, que contribuíram para o desenvolvimento e a subsistência de vários grupos étnicos que habitavam as proximidades desses rios ou onde ainda vivem muitos de seus descendentes.

4. Encontro na Biblioteca Comunitária (BCO-UFSCar)

O Rio Corumbataí, escolhido para o estudo piloto, faz todo o seu percurso dentro do Estado de São Paulo. Sua nascente situa-se na área rural do município de Analândia e o rio segue na direção nordeste, até chegar na área urbana da mesma cidade, onde desvia para sudeste, passando por dentro da cidade que leva o nome do próprio rio, Corumbataí. Continua na mesma direção até próximo ao município de Rio Claro e, no município de Cordeirópolis, desvia para sudoeste. Continua até próximo à cidade de Piracicaba, onde o Rio Corumbataí deságua no Rio Piracicaba e passa a compor sua própria bacia hidrográfica (a Bacia do Rio Corumbataí). Em toda a sua extensão, o Rio Corumbataí tem, aproximadamente, 95 quilômetros e traça um percurso muito sinuoso no trecho entre os municípios de Rio Claro e Piracicaba, chegando a apresentar um desnível de 330 metros, ou seja, de 3 metros por quilômetro de distância.

Figura 1 – Zulmiro Vitor no espaço Florestan Fernandes, Bco/UFSCar



Naquela primeira ocasião, onde já esperávamos notícias valiosas de um passado indígena na região, preparamos o espaço que conta com um ambiente propício simbolicamente e pelos materiais de infraestrutura como mesas redondas. Realizamos as seguintes atividades:

- 1) Buscar imagens da região. Pesquisar atlas (trazê-lo para o encontro). *Google maps*.
- 2) Projetamos, em tela, um mapa da região do Rio Corumbataí. Colocamos uma folha na projeção, desenhamos o mapa; uso de papel vegetal, sulfite e lápis. O mapa pode ser aumentado, o que facilita a localização do lugar tratado.
- 3) E, depois, colocamos o mapa sobre a mesa onde estávamos, junto com alguns atlas da região. O desejo era já começar colocando os pontos. Levamos lápis de cores, canetinhas, giz pastel.
- 4) Falas de Zulmiro foram gravadas. O áudio é documento que pode ser retomado posteriormente.
- 5) Fizemos tomadas de notas iniciais.
- 6) Um ancião tem capacidade de lembrar detalhes e localizações de árvores. Necessidade de estudar os nomes das plantas, os domínios ecológicos e como representá-los.
- 7) Fotogravamos o ambiente de pesquisa de modo a documentar o encontro e as etapas.
- 8) Usamos também do gênero textual lista de palavras para numerações de topônimos (nomes de lugares), numeração das etapas e apontamentos para futuros.

Figuras 2, 3 e 4 – Pesquisadores e suas atividades de mapeamento para o projeto



Fonte: Conexão Saberes Indígenas/UFSCar

5. **Notas tomadas a partir do primeiro encontro e sobre o áudio de seu Zulmiro Vitor**

Enquanto ferramentas de coleta e análise, usamos um gravador de celular para a fala que Zulmiro Vitor trazia sobre sua memória, que aguçava em meio à conversa e ao contato com mapas, nomes de lugares, imagens. No momento dessas falas, pesquisadores tomaram notas. Em outro momento, escutaram as gravações. Vamos mostrar essas tomadas de notas que foram organizadas em temas de modo a tratar as informações.

Sobre o Rio Corumbataí

“Bugre era o nome que as pessoas chamavam os indígenas da época”. (Seu Zulmiro não sabia ao certo por que, mas, pelo seu entendimento, acha que é um “índio paulista”). Ele fala que seu bisavô usava essas expressões. O Rio Corumbataí está localizado próximo a Analândia. Seu Zulmiro traz essas recordações de mais ou menos cem anos atrás, ressaltando que foram relatadas pelo seu bisavô, quando ele tinha por volta dos 7 a 10 anos de idade, pois ele sempre foi curioso e sempre perguntava muito. Seu bisavô não gostava muito de se socializar com as pessoas, ele preferia ficar no meio do mato, ou caçando, pescando e cuidando de umas criações. E, assim, foram também seus tios e pais.

Sobre a Fazenda do Barão

Localizada próximo à Estação em Analândia, seu proprietário era estrangeiro, possui senzala. Sr. Zulmiro canta uma moda de viola que falava sobre a Fazenda do Barão, falando sobre a escravidão e um fazendeiro que era muito ruim e que sempre aparecia na fazenda durante a noite e ficava parado na senzala, fantasma. Essa fazenda foi a primeira de Analândia.

Cadernos de poemas

Ele mesmo escreve seus poemas. São os cadernos do senhor Zulmiro, uns onze cadernos pautados de cem folhas. Seriam uns 500 poemas? Todos memorizados? Técnicas de caça, pesca, acontecimentos, remédios do mato, e uma rede de amigos do circuito popular de cantadores de viola. Um dialeto aparece em sua escrita, e seu escrever. Um dialeto social caipira. Trazem palavras que são nomes de lugares, de plantas, imagens de locais, lugares sagrados, acontecimentos.

Lista de alguns lugares próximos ao Rio Corumbataí

- São três ou quatro comunidades indígenas.
- É preciso localizar a nascente do Rio Corumbataí
- Marcar o Rio Cuscuzeiro, que fica a 10 km da nascente
- Fazenda Atalaia
- Córrego do Veado
- Pedra do Barão (dentro da Fazenda do Barão)
- Pedra do Camelo (dentro da Fazenda do Barão)

O porquê do nome Analândia

Existia uma índia que se chamava Anaí, que morava com um estrangeiro e tiveram a primeira casa e um comércio naquela localidade, ele foi trazido pelo barão, e em um pedaço de terra foi alojado com o tempo, foi enganando um e outro e começou assim a comercializar o sal, charque, enxadas, machado, facão, etc..... e costumava viajar para a cidade de Santos com mais ou menos uns 50 burros, quando chegavam lá trocava por terras com os indígenas, até que ficaram sem nada. E, assim, foi com a família do Seu Zulmiro, tanto seus avôs, tios e tias aos poucos foram perdendo suas terras, pelo fato principalmente de não saberem ler. Cita, como exemplo, a confusão que sempre eram feitas quando precisavam ser registrados no cartório, sempre com datas erradas, um pouco próximas das datas que eles imaginavam que fosse.

Gruta do índio

A pedra que hoje é chamada de pedra cuscuzeiro antes era chamada de pedra do barão, Gruta do índio: fica na fazenda da Toca, pertence ao patrimônio da Toca, possui uns 2 km de profundidade e nasce um rio de água gelada e limpa. Ao redor tem muitos eucaliptos.

Mapa 2. Recorte do Alto Rio Corumbataí em um dos mapas

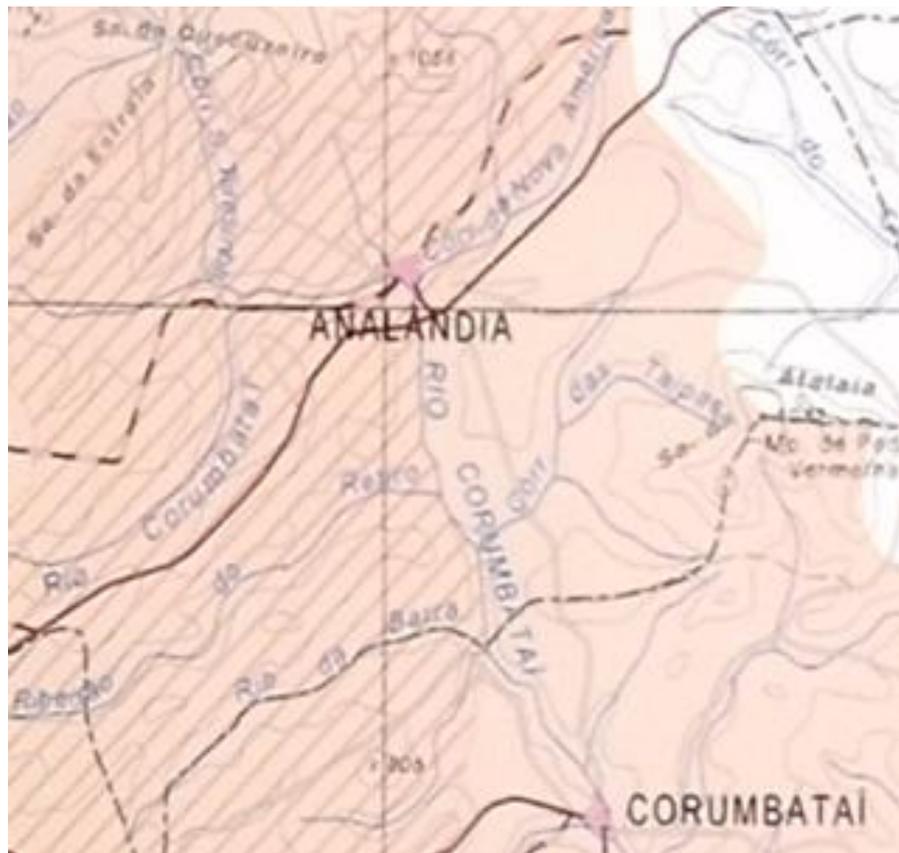


Figura 5. Desenhando árvores



Fonte: Conexão Saberes Indígenas/UFSCar

6. Conclusão

No começo do ano de 2022, a ideia de iniciar um trabalho sobre mapeamento surgiu no meio do PET “*Conexões de saberes indígenas*” da UFSCar. Apesar de pesquisas acadêmicas por parte de indígenas e não indígenas terem aumentado nas últimas décadas, falando sobre os povos que viviam pelas Américas no período pré-colonial e colonial, ainda se sabe muito pouco sobre esses povos e por onde viviam.

Durante o processo de construção de escrita do trabalho, submetemos um *banner* ao IX Encontro Nacional dos Estudantes Indígenas (ENEI), que ocorreu no final de junho de 2023 na Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, com o objetivo de tornar, pela primeira vez, nosso trabalho conhecido ao público. Apresentamos nossa ideia e forma de tornar o trabalho real, palpável. Muitos dos espectadores que pararam para ouvir sobre nosso trabalho se interessaram pelo tema e vieram conversar conosco sobre os povos do interior paulista e como a História conta sobre a fundação do estado pelo ponto de vista colonialista e não se preocupa em esclarecer o ponto de vista dos povos que mancharam essa terra de sangue para que hoje pudéssemos viver no estado brasileiro com a maior metrópole do país.

As atividades devem continuar com o *piloto* sendo o Rio Corumbataí. Iremos também em fontes históricas na tentativa de ampliar o escopo. É um projeto para muitas mãos, centro de pesquisas, universidade. Enquanto projeto de extensão que visa diminuir uma distância participativa entre a Universidade e a Sociedade, o projeto caminhará na sensibilidade em perceber o potencial como, por exemplo, elaboração de sequências didáticas em sala de aulas de escolas para a criação de mapeamentos.

A importância da participação do público externo dentro da universidade, em que a participação do Sr. Zulmiro, enquanto representante da cultura caipira da região de São Paulo, trouxe, por meio de suas experiências de vida e de sua memória, os detalhes de diferentes momentos de sua vivência e lugares que conheceu para identificar alguns dos pontos da presença dos povos indígenas na região.

Desde quando surgiram as primeiras indagações, conseqüentemente ampliaram-se curiosidades de respostas para referente temática, como, por exemplo, o que se sabe dos povos indígenas que viviam no Estado de São Paulo nos anos... nas divisões de terras/sesmarias? Como eram as formas de vida destes e principalmente retratar a questão da existência de povos indígenas hoje na capital e em algumas outras cidades do Estado, até porque o que se sabe é que atualmente grande população do Brasil não sabe dessas existências.

Parece haver um afastamento da população brasileira em relação à afetividade aos territórios. Uma experiência imagético-afetiva é o que desejamos com os mapas. É nesse sentido que compartilhamos aqui a nossa experiência de construção de um método imagético-afetivo e que teve, como cume, a memória viva de um dos pesquisadores. Sua afetividade, nossa afetividade com um território repleto de povos e culturas, de modos de viver e ver. Uma ausência de políticas de divulgação com mapas temáticos que despertem nos leitores uma afetividade que esteja concomitante à própria apresentação de territorialidades.

Temos mapas sobre línguas indígenas (LOUKOTKA, 1939), históricos sobre localização e migrações (NIMUENDAJU, 1944 [1987]) de localização de terras indígenas dentro de políticas estatais (SPI, FUNAI, IBGE), mapas dentro de etnografias, mapas temáticos em livros escolares, mapas na literatura de viajantes no século XVI, na mão de naturalistas do século XIX. Faz parte de nossa pesquisa pensar esses materiais, fazer exposições em bibliotecas públicas, estudá-los e divulgá-los por meio de publicações acadêmicas.

Devemos aperfeiçoar as metodologias imagético-afetivas, refletindo sobre elas, pesquisando sobre o assunto, de modo a nos encaixar em um debate em torno de fazer mapas temáticos. Buscar referências teóricas. É um projeto interdisciplinar, de extensão.

Referência bibliográfica

CÂMARA, João Batista Drummond. Governança ambiental no Brasil: ecos do passado. **Revista. Sociologia. Política.**, n. 21, v. 46, junho, 2013.

COMISSÃO GEOGRAPHICA E GEOLOGICA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Exploração do Rio do Peixe.** São Paulo: Rothschild, 1913.

FIGUEIRÔA, Silvia F. de M. ‘Batedores da ciência’ em território paulista: expedições de exploração e a ocupação do ‘sertão’ de São Paulo na transição para o século XX. **História, Ciência, Saúde-Manguinhos.** v.15, n.3, p.763-777, jul./set. 2008.

FREDERICE, Aline; AMARAL, Daniel Calderaro do; MOREIRA, Danielle Coimbra; SHITARA, Julia; FUESS, Lucas Tadeu; COSTA, Natália Rezende; CURAN, Roberta Moraes; REIS, Fábio Augusto Gomes Vieira; GIORDANO, Lucilia do Carmo. Diagnóstico ambiental do rio Corumbataí em trecho urbano do município de Rio Claro, SP. **Geociências, UNESP São Paulo,** v. 29, n. 4, p. 643-657, 2010.

GONÇALVES, Albenir Itaboraí Querubini. **O Regramento jurídico das sesmarias: O cultivo como fundamento jurídico normativo do regime sesmarial no Brasil.** São Paulo: Leud, 2014.

LOUKOTKA, Chestmír. **Línguas indígenas do Brasil**. Revista do Arquivo Municipal ano 5, v. LIV, p. 147-174, mapa desdobrável fora do texto. São Paulo: Arquivo Municipal, 1939.

NIMUENDAJÚ, Curt Unkel. **As lendas de criação e destruição do mundo como fundamento da religião dos Apapocúva-Guarani**. São Paulo: Hucitec: Edusp, [1914] 1987.

_____ **Mapa etno-histórico do Brazil e regiões adjacentes**. Rio de Janeiro [1944] 1987.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo, Companhia Das Letras, 2020

PINHEIRO, Níminon Suzel. **Os Nômades: Etnohistória Kaingang e seu contexto: São Paulo, 1850-1912**. 1992. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. 1992. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/145521>. Acesso em: 28 nov. 2022.

SILVA, André Pereira da; GUILHERME, Eliane Claudio; OLIVEIRA, Jhonny Passos de; WAURÁ, Kuhupi; SANTOS, Luciana Maria dos; COSTA, Luzia Sigoli Fernandes; SOUZA, Marcondy Maurício de; SILVA, Omar Lopes da; SEBASTIANI, Renata; BRAGA, Roseli Batalha; PALOMINO, Thaís Juliana; BATISTA, Vanessa Louise. **PET conexões saberes indígenas, UFSCar: das origens aos horizontes**. São Carlos: CPOI/UFSCar, 2021.

STAUFFER, David Hall. Origem e fundação do Serviço de Proteção aos Índios. **Revista de História**, v. 18, n. 37, p. 73-96, 1959.

TRUZZI, Oswaldo; FOLLIS, Fransérgio. **A ocupação dos sertões de Araraquara: das sesmarias e apossamentos à Lei de Terras de 1850**. São Carlos: EdFUSCar, 2012.